

Brasília, o caos no ano 2000

Tese de geógrafo alerta que, sem controle de ocupação do solo, a cidade terá problemas ambientais e urbanos irreversíveis

Anamaria Rossi e Ana Júlia Pinheiro
Da equipe do Correio

Se o Governo do Distrito Federal (GDF) não assumir a nova configuração urbana do DF e passar a controlar a ocupação do solo, Brasília poderá ter, no ano 2000, uma área urbanizada duas vezes maior que a atual, provocando um caos urbano, social e ambiental de proporções incalculáveis.

Essa é uma das conclusões da pesquisa feita pelo geógrafo Rafael Sanzio Araújo dos Anjos durante o curso de doutorado em Geoprocessamento e Informações Espaciais na Universidade de São Paulo.

Sua tese foi aprovada com louvor por todos os membros da banca que a examinou na semana passada.

Baiano, 37 anos, Rafael está em Brasília desde 1988. É professor do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, onde pesquisa a história urbana da capital — tema do seu curso de mestrado, iniciado em 1990.

Para chegar ao novo mapa do Distrito Federal, Rafael fez um levantamento completo do crescimento da cidade.

Ele concluiu que os condomínios irregulares criados de forma descontrolada nos últimos anos são os grandes responsáveis pela desfiguração do território do DF, compondo

uma espécie de anel ao redor do Plano Piloto que só não se fecha por causa das reservas ambientais.

Rafael baseou-se em pesquisas de campo, dados oficiais, sobrevôos e instrumentos cartográficos aliados a recursos tecnológicos.

Um deles é o Sistema de Informação Geográfica (SIG), que permite sobrepor mapas e cruzar informações, ampliando as possibilidades de análise e projeções.

Essa é uma imagem do território de Brasília feita em 1987 pelo satélite Landsat, cedida ao pesquisador pelo governo da França, onde Rafael cursou parte do doutorado.

Com base nos cruzamentos de dados e na análise das tendências de crescimento, Rafael concluiu que "os danos ambientais da expansão urbana do DF são irreversíveis".

Segundo ele, se o território urbano do DF passar dos atuais 45 mil hectares para os 89 mil projetados para o ano 2000 — caso não haja controle por parte do Estado —, Brasília terá agravados todos os problemas de uma grande metrópole.

"Os danos ambientais podem comprometer de forma irreversível o abastecimento de água e provocar enormes erosões no solo. Além disso, teremos problemas de infraestrutura básica, transporte e abastecimento ainda maiores do que temos hoje", prevê.

1965

O geógrafo Rafael Sanzio chama esse período de *Crise da Capital* (mapa à direita). Inaugurada às pressas em 1960, cinco anos depois Brasília já não é o canteiro de obras do início da década. Apesar disso, a capital ainda corre o risco de voltar a funcionar no Rio de Janeiro, diante da crise política que o País atravessa. Contribui para a denominação do período o fato de estar começando a fase de domínio militar no Brasil. Brasília, como sede ainda instável do poder, reflete isso em seu traçado urbano que se consolida aos poucos. O desenho da superfície da nova capital ainda é formado por pequenas e esparsas manchas urbanas (Plano Piloto, Sobradinho e Taguatinga). Essas manchas representam uma ocupação pulverizada, com um aglomerado longe do outro e baixa densidade demográfica.

1975

É o período de consolidação da capital. Aos 15 anos de idade, Brasília experimenta um verdadeiro *boom* em seu processo de crescimento (mapa à direita). A expansão do conjunto urbano é tal que Brasília se torna um fato político e geográfico irreversível. As cidades (Plano Piloto, Taguatinga, Ceilândia, Gama, Sobradinho e Planaltina) desenvolvem-se de forma independente, sem se multiplicar e adquirir contornos mais nítidos. Ao mesmo tempo, cristalizam uma estrutura bastante pulverizada: as cidades continuam espalhadas pelo território. O único aglomerado marcante ainda é o complexo do Plano Piloto. A estrutura viária (rede de estradas e vias) desse período já está bastante desenvolvida e vai direcionar a expansão de Brasília nos próximos anos.

1995

A Brasília de hoje é uma pequena mostra do caos que a Capital Federal poderá enfrentar até o início do próximo milênio. Aos 35 anos, Brasília vê esgotados os espaços urbanos para crescimento no Plano Piloto e demais cidades (mapa à direita). O mapa mostra que a Grande Brasília cresceu voltada para o sul e o sudoeste. Taguatinga, Ceilândia e Samambaia compõem um único complexo urbano. A cidade do Gama está cercada por assentamentos que foram criados em áreas rurais destinadas à ocupação urbana diante do esgotamento de outros espaços. O aparecimento de centenas de condomínios irregulares nos últimos cinco anos irá acrescentar ao mapa do DF um meio-anel que circundará o Plano Piloto, passando pela região de Sobradinho e Planaltina em direção ao noroeste do DF.



■ MANCHA URBANA
- SISTEMA VIÁRIO ESTRUTURAL
■ LAGO/LAGOA

Condomínios são os culpados

Os grandes responsáveis pelo novo desenho da capital são os condomínios irregulares, segundo o geógrafo Rafael Sanzio.

"São as imobiliárias e os proprietários de glebas rurais que implementaram parcelamentos de forma indiscriminada e ilegal desde 1988", comenta.

Os gráficos ao lado mostram que na década de 80 o ritmo de crescimento dos condomínios era lento e constante, com picos ocasionais.

O boom dos loteamentos foi entre 1989 e 1990. Para o pesquisador, o crescimento descontrolado provocou uma brutal desfiguração do território do DF.

O governo também participou do crescimento do DF, mas de forma desorganizada e não reguladora.

Conflito — Rafael detectou um verdadeiro conflito entre as atuações da Terracap (Companhia Imobiliária de Brasília), do IPDF (Instituto de Planejamento Territorial e Urbano), da Sematec (Secretaria do Meio Ambiente e Tecnologia) e da Fundação Zoobotânica do DF.

"O IPDF, por meio do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT), refletiu o projeto político da gestão anterior de puxar a cidade para o sul, criando zonas de expansão urbana na rota do me-

tro", comenta Rafael.

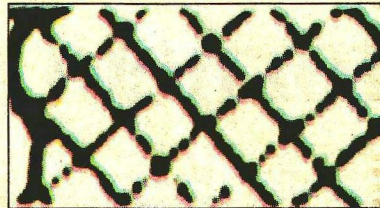
Ao mesmo tempo, observa, o governo permitiu a expansão dos condomínios no sentido oposto (norte e nordeste), em áreas rurais.

Enquanto isso, segundo ele, a Terracap foi mais especuladora que reguladora do mercado imobiliário, sem conseguir atender às demandas habitacionais do DF.

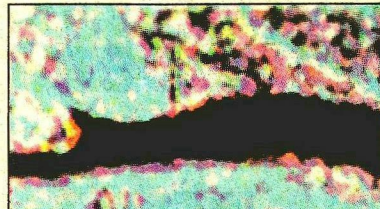
"A Fundação Zoobotânica, por sua vez, tem que ser contrária ao crescimento para defender as terras públicas produtivas", observa.

"Para completar", diz, "a Sematec quer implementar uma política ambiental, mas não consegue dizer claramente qual deve ser a destinação de cada espaço".

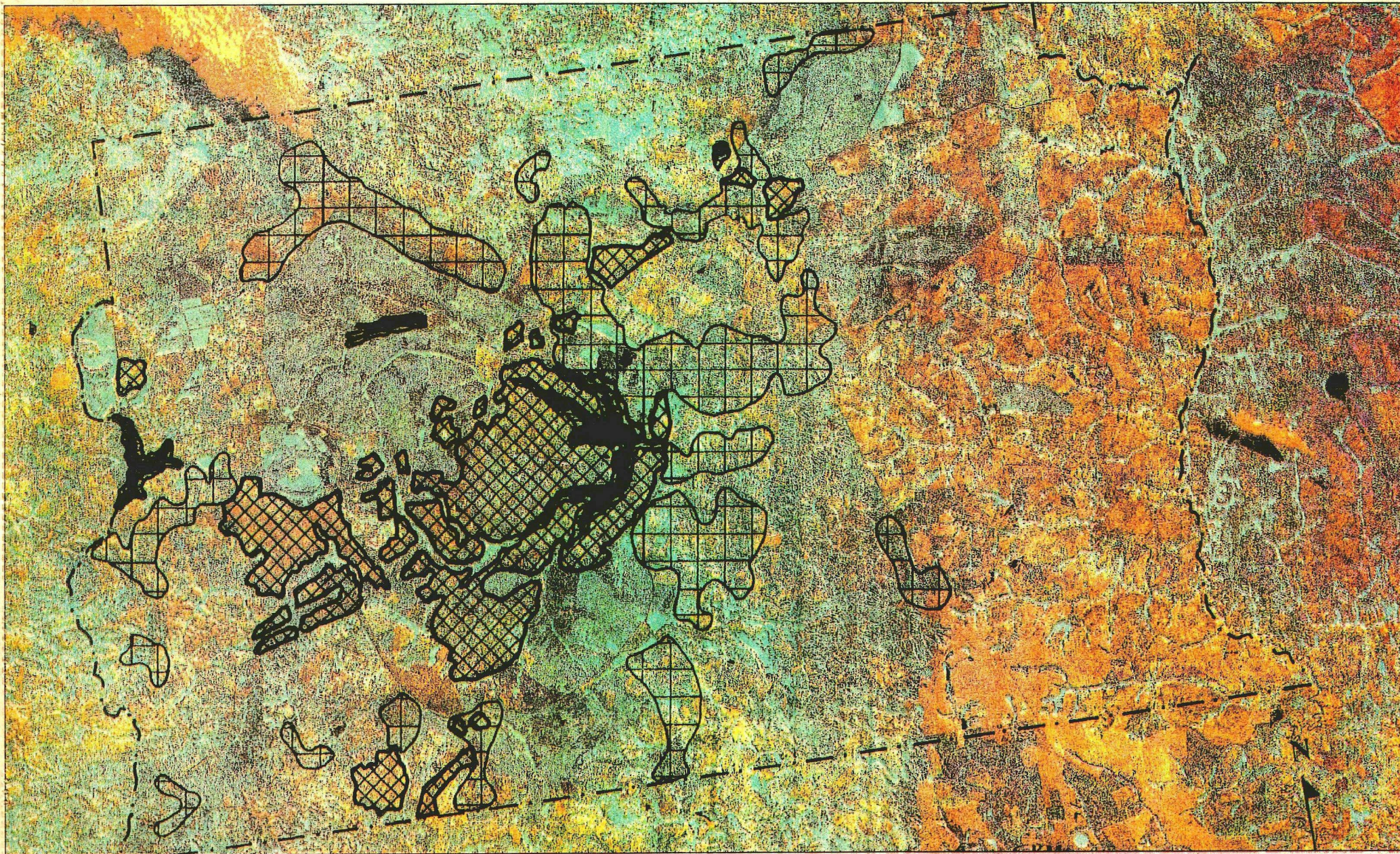
2000



Superfície urbana atual — A malha urbana do DF ocupa, atualmente, 45 mil hectares. Seu desenho é composto por Plano Piloto, Guará, Cruzeiro, lagos Norte e Sul e adjacências, ao centro; Sobradinho e Planaltina, ao norte; Taguatinga, Ceilândia, Samambaia, Gama, Santa Maria e demais cidades ao sul e sudeste. A expansão provocada pelos assentamentos nos últimos cinco anos aumentou em cinco mil hectares a área urbanizada do DF.



Lago, lagoa, represa — Além dos lagos Paranoá (ao centro) e Descoberto (a oeste) e as represas do Parque Nacional de Brasília e do Parque das Águas Emendadas, diversas nascentes formam lagos menores que compõem as reservas hídricas do DF. Mas o equilíbrio ecológico e o abastecimento de água da região já estão comprometidos pelo avanço dos condomínios em áreas não apropriadas à urbanização.

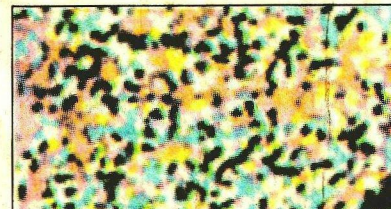


O mapa-imagem, formado a partir de um desenho sobre uma foto de satélite, permite visualizar o DF do ano 2000, com 89 mil hectares de área urbanizada e sérios problemas ambientais

Fotos: Carlos Moura



Espaço Urbano (amarelo e vermelho) / Zona Agrícola (laranja) / Arbustos (azul claro)



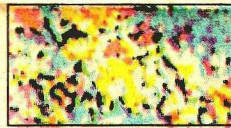
Zona agrícola/espço urbano — A maior parte (70%) dos parcelamentos irregulares estão em áreas rurais, na porção leste do Distrito Federal, em conflito com o PDOT, que criou zonas de expansão urbana na parte sul-sudoeste do DF. É comum encontrar condomínios encravados em regiões agrícolas (foto), pressionando os limites de áreas produtivas. Alguns estão dentro de terras públicas rurais administradas pela Fundação Zoobotânica.



Superfície urbana em formação — A área próxima à Escola Fazendária, no Lago Sul, é uma das que concentram diversos loteamentos irregulares (foto). As manchas urbanas em formação podem converter-se em verdadeiros bairros ou cidades, caso os condomínios que ainda estão espalhados se consolidem à margem da ação governamental. Se isso acontecer, até o ano 2000 o DF pode ter uma superfície urbana duas vezes maior que a atual.



Espaço Urbano (amarelo com manchas azuis e vermelhas)



Solo Nu (amarelo) / Zona Agrícola (azul)

Mapa antecipa crescimento

O mapa abaixo representa de maneira clara e didática de onde vem e para onde vai a expansão urbana do Distrito Federal.

A figura estampada sobre a foto do satélite simula os quatro núcleos de urbanização e os vetores de expansão

identificados pelo geógrafo Rafael Sanzio no desenho atual do DF.

Segundo ele, o DF continua crescendo em torno de um *miolo* composto por Plano Piloto, Cruzeiro, Guará, Paranoá e Park Way.

"Nesse núcleo, que detém a mais forte ação polarizadora, ainda está concentrada a maior parte das ofertas de empregos e serviços", observa o pesquisador.

Mas o geógrafo já considera o complexo Taguatinga/Ceilândia/Samambaia como uma única região urbana, com vida própria, que funciona como o segundo pólo atrativo do DF.

Ofertas — Essas três cidades, como explicou ele, formam um único aglomerado que concentra várias ofertas de emprego e serviços, diminuindo sua dependência em relação ao Plano Piloto e atraindo pessoas de regiões vizinhas.

Rafael Sanzio identificou dois núcleos secundários que dinamizam a expansão urbana do DF.

Um deles começa no complexo Gama/Santa Maria e se estende até as cidades do Entorno, em Goiás.

Outro parte de Sobradinho e vai até Planaltina, incluindo uma infinidade de loteamentos urbanos às margens da BR-020. "Se o governo não tomar cuidado, essas duas cidades vão se unir no futuro", alerta o pesquisador.

Uma tendência observada por Rafael é de que os loteamentos irregulares "puxam" a Grande Brasília para o nordeste, enquanto os assentamentos e o Plano de Desenvolvimento e Ordenamento Territorial (PDOT) movimentam o desenho urbano na direção sul-sudoeste.

Esse conflito, na opinião do pesquisador, deve ser resolvido com a revisão do PDOT.



Espaço do Pólo Centralizador
Espaço do Pólo Complementar
Lago - Lagoa - Represa
Extensão de Domínio de Parcelamento Urbano Privado
Núcleo Norte
Núcleo Sul
Vetor de Crescimento Urbano Consolidado